



Sinagoga é marco de tolerância

Kahal Zur Israel será inaugurada nesta segunda-feira, reafirmando a presença judaica em Pernambuco

Adriana Dória Matos
 DA EQUIPE DO DIÁRIO

A reabertura da Primeira Sinagoga das Américas estava marcada para acontecer em setembro de 2001. Tombaram as torres do World Trade Center, as fissuras entre as culturas do Ocidente e do Oriente se dilaram e os responsáveis pelas comemorações em torno da presença dos judeus no Recife, da Colônia à atualidade, ponderaram ser melhor esperar por tempos menos turbulentos.

Estamos em março, a reabertura da Sinagoga Kahal Zur Israel será nesta segunda-feira, 18, e as notícias que tomam conta do noticiário internacional não são mais sobre o terrível Osama bin Laden e suas estratégias terroristas contra os Estados Unidos e a ordem mundial. Hoje, quem senta no banco dos réus é o Estado de Israel, acusado de atentar contra os direitos humanos, pelo tratamento violento que tem dado aos palestinos e correspondentes internacionais nos conflitos naquele território.

São os reflexos dos giros do Mundo, onde vítimas de outrora se tornam algozes; algozes se tornam vítimas, num ciclo infernal onde a Humanidade parece não dar trégua aos seus oponentes. Onde estar do lado dos bons ou dos maus parece uma questão de circunstância e ponto de vista.

Nos textos de abertura do livro *A Fênix ou o Eterno Retorno — 460 Anos da Presença Judaica em Pernambuco* produto cultural que será lançado na noite de festa para a comunidade judaica, juntamente com dois CDs (veja matéria nesta página), ecoam os protestos e indignações contra os atentados aos Estados Unidos, como o do ministro da Cultura, Francisco Weffort, que estará presente à reabertura da Sinagoga. O ministro escreve, enfático:

“Depois do fatídico 11 de setembro, em que a intolerância atacou em Nova York com um ódio e numa escala que acreditaríamos já tivessem desaparecido da face da terra, esta celebração reafirma a nossa crença nos valores da vida e da liberdade. A loucura que atacou em Nova York é a mesma espécie de loucura que, na história, produziu os pogroms. É uma insânia da mesma espécie da que, ao longo dos tempos, produziu as perseguições religiosas. É um desatino da mesma espécie do que, no paroxismo da Segunda Grande Guerra, produziu o horror do Holocausto”.

Sabemos não se tratar de loucura as perseguições religiosas, mas de uma recorrente intolerância, que não atingiu apenas espanhóis e portugueses — que expulsaram e perseguiram judeus da Península Ibérica, nos séculos XVI e XVII, fazendo-os migrar para lugares como este então Novo Mundo — nem alemães



Iluminura da Bíblia de Cervera, feita por Iosef Hatsarfati no Século XIII, está entre as ilustrações de *A Fênix ou O Eterno Retorno*

nazistas de meados do século XX, mas contaminam povos que habitam toda a Terra, inclusive judeus, que se lançam com fúria sobre palestinos (e palestinos, que se lançam do mesmo modo contra judeus).

PAZ, POR FAVOR — De qualquer modo, a inauguração da Kahal Zur Israel, que também pode ser nominada Congregação Rochedo de Israel, se presta a um fim nobríssimo, que deveria estar no ideal dos que se engalfinham em guerras: a amizade entre os povos. Celebrar a tolerância brasileira é o intuito dos envolvidos no projeto, como gostaria um dos patrocinadores, o presidente do

Banco Safra, Carlos Alberto Vieira, que acredita no idílio nacional, ao afirmar que “nos seus cinco séculos de história, o Brasil não registra nenhum período de perseguição ou discriminação institucionalizada de natureza racial ou religiosa”.

Os textos reunidos em *A Fênix ou o Eterno Retorno — 460 Anos da Presença Judaica em Pernambuco* tratam de esclarecer fatos e dissipar mitos sobre como se deu a vinda dos judeus e novos-cristãos para o Brasil Colônia; seu período de liberdade religiosa — com os holandeses, quando foi erguida a Sinagoga Kahal Zur Israel, que funcionou entre 1637 e 1654 —; as perseguições, inquisições,

diásporas; e também a permanência.

São oito ensaios produzidos especialmente para a edição ou extraídos de estudos que já constam da bibliografia de pesquisadores como Leonardo Dantas Silva (que registra a tutela do historiador José Antônio Gonçalves de Mello, pioneiro nas pesquisas sobre a presença de judeus e cristãos novos em Pernambuco, recentemente falecido), Tânia Kaufman, Bruno Feitler, Alberto Dines, Nachman Falbel, Francisco Moreno-Carvalho e Pedro Taddei Neto.

Há também pequenos depoimentos do arqueólogo Marcos Albuquerque — que descreve a estrutura da sinagoga a partir do que foi achado

pelas escavações — e do arquiteto José Luiz da Mota Menezes — que descobriu a localização exata do prédio da sinagoga na rua do Bom Jesus, quando participava das obras de revitalização do Bairro do Recife, no início dos anos 90, sendo um dos responsáveis pelo renascimento desta fração na história do Estado.

PROPORCIONALIDADE — A historiadora Tânia Kaufman, autora do ensaio *Eles Vieram Para Ficar (Memória Institucional Judaica em Pernambuco)*, afirma que o tamanho da comunidade judaica que vive hoje no Estado é proporcional àquela do Período Holandês.

“Estimamos que haja 1.400 pessoas da comunidade judaica vivendo em Pernambuco, o equivalente a 400 famílias. É uma presença proporcional, em números absolutos, ao judeus e novos-cristãos que viviam aqui no início do século XVII”. No seu ensaio *Zur Israel: A Primeira Comunidade Judaica em Pernambuco*, Leonardo Dantas Silva afirma que 14% da população economicamente ativa na Dominação Holandesa era de judeus e cristãos-novos.

Este termo *cristãos-novos* designa os judeus que tiveram de admitir o cristianismo para fugir às perseguições religiosas. Os judeus que migraram para o Brasil eram os sefaraditas. “Estabelecido o governo holandês, muitos cristãos-novos de Pernambuco, no depoimento do Frei Manuel Calado do Salvador, testemunha presencial daqueles fatos, vieram a se declarar publicamente judeus(...)”, escreve Dantas. “Na Europa, a tomada de Pernambuco ecoou como uma boa-nova e veio despertar a atenção dos judeus portugueses (sefaraditas) e alguns poucos migrados da Polônia e da Alemanha (ashkenazitas), que logo se apressaram em deixar os Países Baixos e vir tentar a sorte em terras do Nordeste do Brasil”.

Com a retirada dos holandeses, as perseguições voltaram e provocaram novas diásporas — é conhecida a ida de judeus locais para Nova Amsterdã, cidade que se tornaria a Nova York contemporânea, onde há enorme presença judaica — e a clandestinidade dos judeus que aqui ficaram. Tânia Kaufman afirma que o crescente interesse pela presença judaica em Pernambuco estimula pesquisa que está em fase embrionária sobre a migração dos judeus para o Sertão. “O que existe registrado hoje ainda está no patamar das lendas, mas acreditamos que em breve teremos acesso a documentos importantes”, adianta.

O livro *A Fênix ou o Eterno Retorno — 460 Anos da Presença Judaica em Pernambuco* não estará inicialmente à venda. Ele será entregue aos convidados para a noite de inauguração da Primeira Sinagoga das Américas, juntamente com o CD *Raízes Judaicas da Música Brasileira*, produzidos com apoio do Ministério da Cultura, Banco Safra, Organizações Takano, Confederação Israelita do Brasil e Federação Israelita de Pernambuco. Em seguida, acredita-se que em abril, estes e outros produtos ligados à cultura judaica estarão à venda em loja cultural que está sendo finalizada no andar térreo do prédio da sinagoga, que funcionará apenas como centro cultural. Os cultos religiosos da comunidade judaica local continuarão a acontecer nas sinagogas Israelita do Recife e *Deit Chabad* e nas reuniões do Grupo Renascer, que acontecem no Centro Israelita de Pernambuco.